



Grupo de Estudos em Análise de Discurso e Ensino de Línguas

A CATEGORIA DE TEMPO EM TRAJETÓRIA: DAS PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS ÀS LINGUÍSTICAS

The category of time in trajectory: from philosophical perspectives to linguistics

Sandra Mara, Souza de Oliveira Silva (UFAC)¹

Shelton, Souza (UFAC)²

Resenha de:

ABRAÇADO, Jussara. **O tempo, o tempo linguístico e o tempo verbal: propriedades e relações**. São Paulo: Contexto, 2020

A obra “O tempo, o tempo linguístico e o tempo verbal: propriedades e relações” da professora titular da área de Linguística na Universidade Federal Fluminense Jussara Abraçado, publicado pela editora Contexto no ano de 2020, com 127 páginas, discute a questão do tempo sob perspectivas filosóficas e linguísticas, discutindo os estudos sobre o tempo linguístico e noções variadas da categoria de tempo, mais precisamente de tempo linguístico, cuja discussão incide na natureza predicativa do verbo. A autora parte da ideia de uma “viagem no tempo”, em que a projeção de tempo é descontínua, já que de acordo com a Teoria da Enunciação de Benveniste, um dos autores utilizados no livro para subsidiar a discussão, “o tempo linguístico se constitui na e pela linguagem, já que o momento em que o falante toma a palavra, o agora independe do tempo físico em que foi colocado” (p. 30).

¹ Universidade Federal do Acre, AC, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes/CELA; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9762-4116>; email: sandramaravilha2010@gmail.com

² Universidade Federal do Acre, AC, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes/CELA; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4735-8531>; email: shelton.souza@ufac.br

E assim, didaticamente, *Abraçado* oferece uma viagem no “tempo” com o objetivo de desvelar as propriedades e as relações entre as configurações de tempo, de tempo linguístico e de tempo verbal como sugere o título da obra. A forma como *Abraçado* organiza a discussão propicia-nos uma visão panorâmica dos estudos sobre o tempo enquanto categoria linguística, visto que ela constrói um texto pontuando a trajetória dos estudos desde a antiguidade, em séculos que antecederam a era cristã, cujo destaque pode ser dado aos estudiosos como: Platão, Aristóteles e Plotino.

A obra, inicialmente, apresenta como Platão discutiu as categorias de tempo/espço com foco na interface entre tempo/mudança; além disso, o filósofo grego concebeu a ideia de eternidade e a considera atemporal, tendo em vista que não é passível de mudança. *Abraçado* apresenta também algumas considerações sobre a proposta aristotélica, no tocante à relação entre as categorias de tempo e movimento, concebendo o ‘agora’ como entidade temporal. No que tange a Plotino, ele é apresentado como o último dos filósofos da antiguidade em que defende três tipos de tempo: presente atual, presente passado e o presente futuro.

Neste contexto, *Abraçado* discute o ‘agora’, desde o início de sua obra, como forma de confirmar, por meio de sua própria materialidade textual/discursiva, que para explicar sobre o tempo verbal é imprescindível considerar o ‘agora’ como entidade temporal que limita as instâncias de tempo.

O ‘agora’ como entidade temporal, tratada por Aristóteles, também é abordado por McTaggart (1886-1925) que, segundo *Abraçado* (p. 17), concebeu o tempo com uma ideia ilusória, meramente ideal, pautado na premissa de que o ‘agora’ muda permanentemente. De modo que não há um único ‘agora’, mas infinitos ‘agoras’ e isso implica existência pautada no contraste mútuo entre esses vários ‘agoras’, o que configura a inexistência de uma extensão temporal; não há duração e se não há duração, não há como conceber a ideia de tempo, o que também inviabiliza a ideia do tempo presente e, por conseguinte, inviabiliza também a ideia de passado e futuro. Pautado nestes argumentos, McTaggart concebe como irreal a ideia de tempo.

Abraçado também pontua desde o início de seu texto a inter-relação do estudo da linguagem com a religião, a partir do título do primeiro capítulo “O que é o tempo?” e assim ela traz à tona o estudo do tempo influenciado pelo cristianismo. A autora explana sobre a concepção de Santo Agostinho, que influenciado por Platão e Plotino, vislumbra o tempo pelo viés religioso, em que o tempo passou a existir a partir da criação, já que antes da criação do mundo por Deus não havia tempo. Ela também apresenta o tempo como objeto de estudo das ciências modernas, em que se destacaram matemáticos e físicos como: Galileu, Newton, e Einstein.

A obra de Abraçado pontua o estudo do tempo como ponto de interface entre linguagem/religião/ciência, quando ela apresenta os estudos de Galileu em que o autor postulou que o tempo seria mensurável, já que a velocidade de um corpo em queda seria diretamente proporcional ao tempo transcorrido. Para ele, o tempo seria divisível e composto por indivisíveis. Há destaque também para Newton que concebeu o tempo como absoluto, como entidade que não implica movimento; no que concerne ao estudo de Einstein, consta que o cientista relativizou o tempo físico, considerando os acontecimentos simultâneos, admitindo a interdependência do tempo e do espaço. Outro expoente que se destaca no estudo do tempo é Reichenbach (1948) que, de acordo com Abraçado (p. 23), “postula uma interpretação temporal aplicada às línguas naturais”.

Nessa perspectiva panorâmica, Abraçado operacionaliza sua “viagem no tempo” como estratégia didática que facilita o entendimento de um assunto complexo como tempo verbal. Outra benesse relacionada ao fato de a autora iniciar seu texto a partir da pergunta: “O que é tempo?”, formulada por Santo Agostinho, é que tal pergunta permite que a autora construa toda a panorâmica sobre o estudo do tempo linguístico.

Abraçado (p. 24) explicita, por meio de Nunes (1995, p. 22), que o tempo linguístico está atrelado às ordenações das situações a partir do presente da enunciação que funciona como eixo temporal discursivo, de tal forma que é a partir desse eixo temporal discursivo que se pode aludir ao que está acontecendo, ao que já aconteceu ou ao que acontecerá. Então, o agora (presente da enunciação) é o referencial temporal da linguagem.

Para explicar o tempo linguístico, a obra de Abraçado explicita o ponto de vista de Benveniste (1989) em que o linguista apresenta o tempo físico, o tempo crônico e o tempo linguístico. O tempo físico diz respeito a uma ideia de progressão linear, unidirecional e não tem a ver com os acontecimentos do meio social da vida humana; já o tempo crônico tem a relação com a sequência dos acontecimentos e com a cronologia, com a anterioridade e a posterioridade, um acontecimento seguido de outro e, assim, sucessivamente. O tempo crônico serve, assim, para marcar os séculos, os anos, os meses etc. Mas o tempo linguístico é atrelado à ação de falar, de modo que o falante pode representar linguisticamente o tempo físico e o tempo crônico. Benveniste, ainda na visão de Abraçado, explica que a natureza do tempo linguístico, por meio da Teoria da Enunciação benvenistiana, diz respeito ao uso individual da língua em uma perspectiva do “eu, aqui e agora”, já que enunciação é, segundo Benveniste, composta pelas categorias de pessoa e espaço de tempo, o que, conseqüentemente, faz da fala o ponto de referência do tempo linguístico.

Outra discussão levantada por Abraçado na obra para explicar a natureza do tempo linguístico é o do filósofo alemão Reichenbach que considera o tempo linguístico ligado aos tempos verbais, cuja construção se dá pela inter-relação entre o Momento da Fala, o Momento do Evento e o Momento da Referência. Abraçado usa a proposição de Gonçalves (2013) para pontuar que o paradigma dos tempos verbais apresentado por Reichenbach gramaticaliza os traços de tempo tradicionalmente conhecidos como pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito, presente, futuro do presente e futuro do passado. Abraçado aponta algumas lacunas deixadas pelo estudo de Reichenbach, no que se refere a não abordagem do aspecto verbal.

O tempo, o tempo linguístico e o tempo verbal: propriedades e relações também faz uma apresentação do modelo cognitivo da realidade de Langacker no que tange aos estudos do tempo linguístico; para Abraçado, Langacker elabora o modelo epistêmico básico, cujo objetivo é ilustrar três maneiras de encarar as situações que ocorrem no mundo, tais como: realidade conhecida, realidade imediata e irrealidade. O modelo epistêmico elaborado inclui a percepção do conceptualizador; o modelo de linha do tempo (o tempo como eixo pelo qual a realidade evolui e o evento de fala) e o modelo evolutivo dinâmico da realidade. Neste modelo, a realidade desconhecida consiste numa dimensão virtual em que constam as situações que o conceptualizador não as aceita como estabelecidas e, por conseguinte, as ignora. Langacker também pontua que, do ponto de vista do conceptualizador, a realidade desconhecida faz parte da irrealidade e neste contexto coexiste com a não realidade.

Abraçado (p. 53) explana sobre as formas adverbiais de tempo na língua portuguesa e, para corroborar as suas afirmações, cita Mateus e Duarte (1983) que discutem os tempos naturais, do português, como presente, passado e futuro, cuja função é ordenar a relação de simultaneidade, anterioridade e posteridade; já no enunciado a ordenação temporal é um pouco mais complexa, porque além de ordenar o tempo em relação ao momento da ordenação, ainda tem de considerar a relação de um enunciado em relação aos outros que germinam na conversão.

É importante destacar que ao longo da obra, Abraçado cita concepções funcionalistas de análise dos traços que compõem as categorias de tempo nas línguas como a proposta de Givón, dentre outros autores, que aponta o tempo da fala como a base para a relação temporal nas línguas produzindo diversidade de classificações e propostas de divisão temporal, sendo que, nos resultados finais de sua análise discutidas na obra, a autora apresenta uma relação entre as propostas de divisões da categoria em relação às categorias de aspecto e modo, em que essas últimas categorias também são constituídas por divisões a depender das propostas teóricas e das línguas sob análise. Com uma preocupação de que seu livro possa levantar discussões em torno do tema em tela, Abraçado fornece, nas Considerações finais da obra, um conjunto de

questões que pode ser usado por leitores para alimentar, ainda mais, o debate em torno do assunto. Nesse sentido, compreendemos que professores de Linguística podem utilizar-se do livro e dos exercícios apresentados para discutir, entre alunos universitários das áreas de Letras/Linguística e correlacionadas ou interdisciplinares, o transcorrer do debate em torno dos traços que compõem as categorias de tempo e sua relação com as categorias de aspecto e modo e suas variadas classificações ao longo do tempo.

Assim, a obra “O tempo, o tempo linguístico e o tempo verbal: propriedades e relações” de Jussara Abraçado fornece aos leitores uma visão panorâmico-histórica de alguns estudos e seus respectivos autores, no que se refere ao tempo em diferentes perspectivas, desde filósofos a físicos, como também, evidentemente por se tratar de um livro da área da Linguística, de linguistas com foco em modelos de análise descritivos e cognitivo-sociais.

REFERÊNCIAS

ABRAÇADO, Jussara. **O tempo, o tempo linguístico e o tempo verbal: propriedades e relações**. São Paulo: Contexto, 2020.

ARISTÓTELES. **De Anima**. Trad. Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.

BENVENISTE, Émile. **Probléms de linguistique générale**. Paris: Gallimard. 1974.

BENVENISTE, Émile. A linguagem e a experiência humana. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989, pp. 68 – 80. GIVÓN, Talmy. Tense – Aspect – Modality, *Syntax: A functional Typological Introduction*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1984, v. 1.

BENVENISTE, Émile. Verbal inflections: Tense, Aspect, Modality and Negation. **English Grammar: A Functional – based Introduction**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1993, v. 1 e 2.

BENVENISTE, Émile. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GONÇALVES, Alcione. **O analismo verbal e a expressão do futuro no português brasileiro: um estudo diacrônico**. Belo Horizonte, 2013. Tese (doutorado) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

LANGACKER, Ronald. **Foundation of Cognitive Grammar**. Califórnia: Stanford University Press, 1991,

LANGACKER, Ronald. **Losing Control: Grammaticization subjectification, and Transparency**. In: BLANK, Andreas; Koch, Peter (Eds.), *Historical Semantics and Cognition*. Berlin: Mouton de Gruyter.

LANGACKER, Ronald. The English Present Tense. *English Language and Linguistics* 5: 251- 272, 2002.

LANGACKER, Ronald. Extreme Subjectification: English Tense and Modals. In: CUYCKENS, Hubert et al. (Org.). **Motivation in Language**: Study in honor of Gunter Radden. Amsterdam: John Benjamins, 2003, pp. 3-26.

MATEUS, Maria Helena Mira *et. al.* **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 1983.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1995.

REICHENBACH, Hans. **Elements of Symbolic Logic**. New York: The MacMillan Company, 1948